



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: "40 anos da "Virada" do Serviço Social"

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Ética, Direitos Humanos e Serviço Social.

Sub-Eixo: Ênfase em Justiça e Violência.

## EGRESSOS DO SISTEMA PRISIONAL: O SERVIÇO SOCIAL, A PRISÃO, O PCC, A DISCRIMAÇÃO, O TRABALHO E A FAMÍLIA

Silmara Barbosa do Vale<sup>1</sup>  
Martha Coelho de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo pesquisar os marcos da existência do egresso do Sistema Prisional brasileiro e sua família, tendo como referência a experiência da pós-reclusão, com o enfoque em investigar as circunstâncias do egresso no mercado de trabalho, bem como suas relações familiares e comunitárias. Destaca-se como resultado, a confirmação quanto a insalubridade e violência presente nas prisões brasileiras, assim como a não efetivação do objetivo ressocializador, mostrando a escassez do profissional de Serviço Social nesse sistema e como isso afeta o índice de reincidência criminal.

Trazemos também como resultado, a dificuldade no acesso ao trabalho, a discriminação social recorrente, presente na vida do egresso e de suas famílias, visto isso, ressaltamos a extrema importância acerca da discussão crítica sobre o tema.

**Palavras-Chave:** Sistema Prisional. Preso. Egresso. Trabalho. Família. Ressocialização. Reincidência. Serviço Social.

**Abstract:** Completion of course, Faculty of Social Work, Pontifical Catholic University of Campinas, Campinas, 2018. This monography's objective is to investigate the conditions and limitations of the ex-convicts of the Brazilian Prison System and their families, based on after the imprisonment experience, focusing on investigating the circumstances of the ex-convicts in the labor market, as well, their community and family relationships. As a result, we emphasize, the confirmation of the insalubrity and violence present in Brazilian prisons, as well, that the ressocialization process is not effective, showing us that, this factors plus the fact of lacking Social Workers, affects the rate of criminal recurrence.

We also have as a result, the difficulty in access to work, the recurrent social discrimination, present in the life of the ex-convicts and their families, then, we emphasize the extreme importance of the critical discussion on the subject.

**Keywords:** Prison System. Prisoner. Ex-convicts. Work. Family. Socialization. Recidivism. Social Work.

## INTRODUÇÃO

Este artigo foi resultado do Trabalho de Conclusão de Curso nomeado como "PRISÃO: as expressões da questão social pós-reclusão para o egresso e sua família", sob orientação da Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Martha Coelho de Souza.

A fim de refletir quanto ao impacto do encarceramento na vida do indivíduo e de sua família, desenvolvemos este trabalho trazendo aspectos durante e após a

---

<sup>1</sup> Profissional de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC). E-mail: silmarabarbosavale@gmail.com.

<sup>2</sup> Profissional de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC). E-mail: silmarabarbosavale@gmail.com.

reclusão, onde analisamos as entrevistas de três ex-reclusos, tendo como referência o município de Indaiatuba, no Estado de São Paulo.

Por fim, destacamos lacunas que podem ser preenchidas através de uma pesquisa mais aprofundada, acerca do papel do assistente social no retorno do preso ao convívio em sociedade, servindo também como base de discussões acadêmicas e em instâncias sociais.

### **O egresso e o Serviço Social**

A importância do Serviço Social no que diz respeito à população, que já esteve ou está encarcerada, é evidente quando concordamos sobre a prisão ser hoje, uma das expressões da questão social que surge na sociedade brasileira e que expressa a desigualdade e a tensão entre a classe trabalhadora com os capitalistas. (LIMA, 2017)

É nesta tensão entre produção da desigualdade e produção da rebeldia e da resistência, que trabalham os assistentes sociais, situados nesse terreno movido por interesses sociais distintos, aos quais não é possível abstrair ou deles fugir porque tecem a vida em sociedade. (IAMAMOTO, 1999, p. 28).

A prisão nasce dentro da lógica de organização capitalista, a população encarcerada é exatamente o público alvo (classe trabalhadora) do assistente social, uma vez que identificamos sua vulnerabilidade, e compõe quase que em sua maioria, este sistema. (LIMA, 2017).

Podemos perceber também, a falta de interesse por parte da comunidade, do judiciário como um todo, em reintegrar socialmente o indivíduo uma vez encarcerado, os denominando como classe “perigosa” (IAMAMOTO, 1999) que merece “sofrer as consequências de suas atitudes”, sem análise de uma totalidade, que, dificulta como um todo, o trabalho do Serviço Social para com essas pessoas.

Hoje a imagem da pobreza é radicalizada: é o perigoso, o transgressor, o que rouba e não trabalha, sujeito à repressão e à extinção. São as “classes perigosas”, e não laboriosas, destinatárias da repressão. Reforça-se assim a violência institucionalizada, colocando-se em risco o direito à própria vida. (IAMAMOTO, 1999, p. 42).

Porém, nós, assistentes sociais, pautados no Código de Ética Profissional, temos o compromisso de, com o conteúdo e carga teórica que temos, analisar a prática, de forma a enxergar a totalidade da sociedade, livre de preconceitos – em principal, para o trabalho com a população encarcerada, bem como os que já não estão mais nesse sistema – sendo comprometidos:

Com usuários, com autonomia e a emancipação dos indivíduos sociais, com base na liberdade, na democracia, cidadania, justiça e igualdade social, na defesa intransigente dos direitos humanos com vistas à garantia dos direitos civis, sociais e políticos da classe trabalhadora; a recusa do arbítrio e do

autoritarismo, assegurando a universalidade de acesso aos bens e as políticas sociais, o empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, respeitando a diversidade e a participação; a garantia do pluralismo; a opção por um projeto profissional na construção de uma nova sociedade, sem dominação e exploração de classe, etnia e gênero; o compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual para a competência profissional. (CFESS apud SIQUEIRA, 2001, p. 72).

Ainda nesse contexto, citaremos também a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), que visa à garantia dos mínimos sociais e a universalização dos direitos sociais, com serviços, programas, projetos e benefícios de proteção social básica e/ou especial, para todos que dela necessitarem (LEIRAS, 2015), dessa forma:

Constitui o público usuário da política de Assistência Social, cidadãos e grupos que se encontram em situações de vulnerabilidade e riscos, tais como: famílias e indivíduos com perda ou fragilidade de vínculos de afetividade, pertencimento e sociabilidade; ciclos de vida; identidades estigmatizadas em termos étnico, cultural e sexual; desvantagem pessoal resultante de deficiências; exclusão pela pobreza e, ou, no acesso às demais políticas públicas; uso de substâncias psicoativas; diferentes formas de violência advinda do núcleo familiar, grupos e indivíduos; inserção precária ou não inserção no mercado de trabalho formal e informal; estratégias e alternativas diferenciadas de sobrevivência que podem representar risco pessoal e social. (PNAS, 2004, p. 34).

O assistente social, ao trabalhar com presos e egressos, encontra um desafio, uma vez que há pressão da sociedade com princípios conservadores, além de uma lógica de penalização para essa parte da população, com isso, abordaremos agora, baseado em Guerra (2001), a instrumentalidade do Serviço Social. Então, quando os assistentes sociais “[...] utilizam, criam, se adequam às condições existentes, transformando-as em meios/instrumentos para a objetivação das intencionalidades, suas ações são portadoras de instrumentalidade”. (GUERRA, 2000, p. 2). Ao trabalharmos com os presos e egressos, mesmo estando sujeitos a instituição prisional e seus percalços, devemos usar de nossa bagagem teórica, metodológica, ética e técnica para um enfoque de trabalho com os mesmos.

Os egressos do sistema prisional se caracterizam como usuários da política de assistência social, uma vez que são pessoas em risco social e estão suscetíveis a fragilidade ou até mesmo perda de vínculos de afetividade, além de pertencerem a um grupo social que se encontra em situação de vulnerabilidade. (LEIRAS, 2015).

O egresso terá uma realidade, onde, na prática se torna o oposto de liberdade, logo encontrará dificuldades, os preconceitos, a ausência de trabalho, ausência da educação, portanto, é necessário apoio e políticas sociais para com esse indivíduo, inclusive de grupos como família, comunidade, trabalho, mas, principalmente, do Estado.

## O egresso e os sentidos do trabalho

Ao abordar os sentidos do trabalho para o egresso, nos deparamos com as dificuldades encontradas pelos mesmos ao retornar para o convívio da sociedade a que ele antes pertencia, visto que a prisão por si só já viola os direitos sociais do indivíduo, destacamos quanto aos percalços vivenciados pelo egresso do sistema prisional em busca de trabalho:

[...] “cê” lembra o que você teve atrás e se vê no mundo, tipo, poxa, realmente, antes de ir preso como que eu era? Então “tava” igual marginal, no que que eu “tava” envolvido, tipo a mentalidade da pessoa, as vezes ele, ele “tá” preso, mas ele se volta no mundo e ele fala: e agora, como que eu vou recomeçar? Tipo, no trabalho, vai ser mais dificultoso, vai ser um dinheiro que vai vim com um prazo, tipo, eu era um cara que roubava e tipo, eu pensava que o retorno do dinheiro ia ser um pouco mais rápido. (ENTREVISTADO 1).

É difícil, você chega em um lugar, em uma firma, pede o currículo, pedem os antecedentes criminais, é muita discriminação sobre isso. (ENTREVISTADO 2).

De acordo com Maia (2008), o trabalho tem sofrido diversas modificações, porém, continua sendo um ícone de expressão na sociedade, é atrelado também ao entendimento do sujeito sobre o trabalho realizado, bem como seu sentido. Com isso, vimos que a dignidade humana também se encontra ligada diretamente para a ressignificação do trabalho:

[...] ai eles conversavam comigo igual você assim, ó. Depois perguntaram qual curso eu fiz, fui lá e disse os cursos e agora eu sou eletricitista e trabalho pra mim mesmo, teve pessoas que... graças a deus conheci pessoas que são engenheiros, arquitetos e vão passando serviços e essa é a minha vida. Tipo, hoje eu paro e vejo um assalto assim na televisão e falo, eu tô “suave” [...]. (ENTREVISTADO 1).

[...] paguei pelo meu erro e arrumar emprego é difícil, a não ser que seja particular, mas em uma firma mesmo é difícil, pode até pegar, 90 dias de experiência, aí sabe que é você, e eu fui preso por tráfico de drogas, entendeu? Então a pessoa acha que aquilo vai continuar na sua vida, e não é assim, eu nunca mais, depois que eu sai eu nunca mais mexi com drogas e não quero isso pra mim, tenho meus filhos, minha casa, meu pai, e é bastante dificuldade, muita dificuldade, você não encontra um apoio, tipo “olha, vou te colocar nesse serviço, vou te dar um voto de confiança” é poucas pessoas, poucas, muito poucas, então se torna mais difícil pra gente, é por isso que muitas pessoas voltam a cometer outros delitos, pra arrumar um dinheiro, as vezes tem criança pequena em casa, então é, é um mundo em que a própria sociedade te diminui, te deixa um pouco menor que os outros [...]. (ENTREVISTADO 2).

Podemos notar como o preconceito enraizado da sociedade, que além de não acreditar em segundas chances e na recuperação social de um indivíduo que antes, fora encarcerado, influencia também na autoestima do sujeito, fazendo-o duvidar da sua própria capacidade. Há uma grande taxa de desemprego e quando há empregos nos deparamos com situações de insalubridade, desvalorização da mão de obra, aumento da carga horária do egresso.

Presenciamos nesta entrevista a confirmação de que os egressos, em sua maioria, encontram-se em trabalhos informais, o que podemos ver de acordo com os relatos a seguir, realçando a dificuldade na procura pelo trabalho formal, bem como a discriminação presente nas empresas:

[...] é, em uma firma mesmo, qualquer firma que você for vai te pedir seus documentos e o atestado de antecedentes criminais, ali vai sair, que nem eu fui preso por tráfico de drogas, um exemplo, o cara ali do mercado, pega lá meu currículo: aaa, é bom. Antecedentes criminais: traficante.

Ah, e o outro? (currículo)

[...] ah, não, eu sempre fui certo, nunca fui preso.

[...] então é a sociedade que é assim, é a sociedade, nunca vai te falar “ó, vem aqui você” vai te falar “não, aqui tá cheio já, colocamos em uma vaga uma outra pessoa” mas é uma coisa concreta, uma coisa que você tem todo mês aquilo, você tem que fazer o que? Bico, uma coisa ali, outra aqui, a gente que tem filho, te força a ser outra pessoa, a própria população mesmo, quem tem um poder aquisitivo maior, te força a ir pro outro lado não deixa alimentar o seu sonho mesmo [...]. (ENTREVISTADO 2).

[...] eu realmente procurei um trabalho com carteira assinada, isso já pós prisão, aí foi difícil, eu cheguei a trabalhar em dois lugares, em um deles eu tenho certeza que eu sai por causa dos antecedentes, no outro não, no outro não foi essa justificativa, mas em um deles foi por causa do antecedentes sim, bem, é isso, eu sempre trabalhei de forma informal. Aí depois disso, depois que eu perdi o emprego por causa dos antecedentes, aí eu decidi trabalhar por conta mesmo, sabe? Acho que eu desisti de carteira assinada, desisti de emprego formal [...]. (ENTREVISTADO 3).

Mesmo com as leis de incentivos que visam contratações desses sujeitos para as empresas, podemos realçar os inúmeros obstáculos encontrados pelos mesmos na busca de um trabalho formal, a discriminação, o despreparo e a falta de profissionalização tornam-se fatores marcantes, que acabam prejudicando o cidadão na hora de se candidatar a uma vaga. Portanto, podemos evidenciar quanto a necessidade de políticas voltadas para essa população, uma vez que a reincidência pode ser ligada diretamente a taxa de desemprego presente para esses egressos.

### **O egresso e a família**

A família tem sido um amparo, Mioto (1997) definiu a família como uma instituição social condicionada e articulada de acordo com a sociedade a qual está inserida, desta forma, podemos analisar que a estrutura familiar influencia na vida do sujeito, quando a sociedade em geral não conseguiu subsidiar as necessidades deste indivíduo, bem como educação, cultura, habitação e também seus deveres como cidadão, a família é de extrema importância na vida do mesmo, tendo-a como base para se reerguer perante a uma sociedade que antes o excluiu.

[...] eu era um cara que roubava e tipo, eu pensava que o retorno do dinheiro ia ser um pouco mais rápido. Aí o impacto da família, a convivência da família e eu percebi a importância que eu era. Aí na segunda “saidinha”, eu já sai

mais tranquilo já, tipo um cara mais, mais voltado não com amizades e influências, tipo, de deixar meus familiares pra estarem com amigos, não falando que não tenho amigos, mas tipo, minha mentalidade era o que antes, dar menos importância pra minha família do que amigos, isso daí me influenciou um pouco a me perder. (ENTREVISTADO 1).

Notamos também que diante da situação de pós-reclusão, houve uma aproximação entre os familiares e os egressos

Nossa... me aproximei mais né? Eu sou o irmão mais velho, tipo, eu tive [pensando], tipo assim, se eu me senti sozinho, abandonado muitas vezes por não ter contato com ninguém, por ficar longe e não ter contato e ficar assim "porra, mano, e se eu morrer aqui, o que vai acontecer comigo? Ninguém vai saber" [...]. (ENTREVISTADO 1).

Existe a necessidade de uma discussão acerca do sofrimento por parte da família com a reclusão do indivíduo, uma vez que o mesmo também tem a sua contribuição com a harmonia familiar, a retirada do sujeito pode acarretar em um desequilíbrio. Outra forma de evidenciar esse sofrimento é através do preconceito em volta dessa situação:

Minha mãe quando eu fui preso, ela sofreu muito porque os outros falavam "ladrão, não sei o que", então sofre mesmo, tem sempre uma galera que não aceita, né?! Acha que o telhado é... nunca pode ser o seu filho, nunca pode ser o seu neto [...]. (ENTREVISTADO 1).

[...] via todo mundo ali ganhando dinheiro, achando que aquilo ali era fácil, eu peguei e arrisquei, mas a minha família nunca me incentivou, sempre muito ao contrário, sempre quis me tirar e até hoje falam: MA, vai pelo caminho certo, você tem filho, esposa [...]. (ENTREVISTADO 2).

Logo, reafirmamos a importância da família na vida do sujeito enquanto preso e enquanto egresso, a importância de políticas voltadas para essa população, principalmente as famílias, apontando a vulnerabilidade, diante dos preconceitos e dificuldades encontradas no percurso, com isso evidenciamos também a necessidade de humanização em todo o sistema carcerário.

### **Discriminação social**

A grande dificuldade encontrada pelos egressos do sistema prisional é a questão da discriminação social, que reflete diretamente na busca por emprego, na recolocação na sociedade e no dia a dia da família, fazendo com que a mesma também sofra durante todo o processo de prisão e pós-prisão.

[...] então eles falavam "ele é mó drogado, mano, é ladrão, vai sair e vai continuar a mesma coisa" [...]. (ENTREVISTADO 1).

Eu tenho uma filha de 11 anos, tenho uma filha de 17 anos que estuda, então até mesmo na escola né, que gera, tipo "ah, o seu pai foi preso, o seu pai é isso", a minha filha esses dias chegou chorando em casa, que a menininha falou "o seu pai já foi pra cadeia" [...] tem bastante dificuldade, viu? É um mundo que... e você se encontra preso. (ENTREVISTADO 2).

Podemos observar que a família muitas vezes é a que enfrenta a discriminação social diretamente e é constante na sociedade a ideia de que o egresso não irá se realocar socialmente, contribuindo para uma baixa autoestima desse sujeito, por vezes, mesmo estando em liberdade, o cidadão encontra-se preso.

Portanto, observamos como a questão da discriminação é vivenciada constantemente pelo sujeito, ainda dentro da prisão, indo contra o objetivo de reeducar o mesmo:

[...] é, quando eu sai mesmo, você sai e é visto assim como um “cadeeiro”, você sai e pra todo mundo você é uma pessoa que só aprendeu o mal lá dentro, o que é isso daí, na minha opinião eu acho que assim ó, não é que você só aprendeu o mal você viveu ali coisas ruins, né? [...]. (ENTREVISTADO 2).

Sabemos que a discriminação está ligada a distinção, exclusão do ser, restrição, portanto, analisamos negativamente a ideia de uma sociedade que exclui o cidadão enquanto egresso, uma vez que o indivíduo quando não obtém oportunidades de se reinserir socialmente, pode vir a cometer a reincidência no crime.

## **A prisão**

Conforme analisado anteriormente, a discriminação social é um fator presente na vida do egresso e encontra-se presente também na vida do sujeito enquanto preso, dessa forma, analisaremos o tratamento vivenciado pelo mesmo ainda na prisão:

[...] os caras tira tudo a sua liberdade “né”, “cê” é tratado, tipo, “cê” é tratado como uma pessoa, tipo, “cê” tá errado “né”, “tipo”, você é um ladrão, entendeu?! Se você “tá” com sede, você vai ficar com sede, não é a hora que você quer, você não “tá” na sua casa, entendeu?! Tem funcionários que você vê que tem assim, “tipo”, um coração um pouco mais bom, mas tem funcionário que você vê assim, que te trata “tipo”, você é uma rotina dele, ele é uma firma, o serviço dele é vim ali, abrir a porta, fazer a rotina que o chefe dele manda, então você, “cê” vê que a pessoa perde a cor, tipo, perde a cor, tira tudo [...]. (ENTREVISTADO 1).

[...] lá não tem humanidade nenhuma, na parte dos agentes, da polícia, é tudo com arrogância, você é tratado com total diferença, você vai pra um médico, pra um atendimento, você vai algemado o pé, a mão, chega lá é “cala a boca”, te ofende, te humilha, então, falta o que, uma chance pra quem... e muitas pessoas que sai de lá e volta a errar né?! (ENTREVISTADO 2).

Evidenciamos, a questão do tratamento desumanizado por parte dos carcereiros com esses presos, mostrando que o então objetivo de ressocializar e trazer dignidade a esses sujeitos não está sendo praticado.

Além das condições insalubres presentes na rotina do preso, o mesmo precisa lidar com os maus tratos e abuso de poder vindo das autoridades que compõem uma prisão, muitas vezes até não recebendo tratamento quanto a um problema de saúde:

[...] lá dentro é subdesumano, a palavra que posso usar é essa, eu vivi 5 anos, eu tenho problema de bronquite, passei mal a noite, eles foram me

atender só no outro dia de manhã na troca de plantão, quase morri, então falta o que, falta olhar um ladrão, um traficante lá dentro e tratar ele como um ser humano. Passei muita fome no presídio, isso eu falei pra assistente social, falei: Ó, quando tinha rebelião, eles deixavam “nois” desde a 5 horas da manhã sentado num pátio quente com sol, sem café, sem almoço, até 7 horas da noite, amigos desmaiando, não podia socorrer, não podia ajudar, então, é muita coisa que né, podia mudar, principalmente na parte dos agentes, coisas simples [...]. (ENTREVISTADO 2).

Então como que é lá dentro, por exemplo, água, água são 30 minutos de banho pra 30 pessoas tomar banho, então é, é coisas que você fala que você é condenado por tudo que você fala [...]. (ENTREVISTADO 2).

[...] aí ele vai pro “pote”, “pote” é um lugar isolado, aí ele fica lá, apanha, manda pra outra cadeia longe da família, entendeu? Você não tem força nenhuma porque você é um nada, você é um ladrão, é um traficante, você não é nada. (ENTREVISTADO 2).

Outro problema que podemos verificar é a questão da estruturação do presídio, onde vemos que presos réus primários ficam nas mesmas celas de alguém com uma ficha extensa, convivendo e aprendendo sobre os crimes cometidos.

[...] lá você vai trombar o cara que roubou a tiazinha da mercearia, você vai trombar o cara que vendeu droga na esquina, vai trombar o chefe da biqueira lá de baixo, aí vai trombar o cara que roubou um carro forte, vai trombar os caras que pensam que o crime compensa, não quer trabalhar pra ninguém, quer dinheiro, quer luxo, quer tomar dos outros, já era, já era, o cara encosta lá, é recrutado pelos caras, porque tem cara que tem talento mano, talento pra isso, o cara fala: entrei no lugar, tava em três, não atirei em ninguém, roubei e sai [...]. (ENTREVISTADO 1).

Segundo dados do INFOPEN (2016), 55% da população carcerária no Brasil corresponde aos jovens entre 18 e 29 anos, com isso podemos observar a presente questão do consumismo, que normalmente atinge os mais jovens, o que mostra também como os mesmos são negligenciados no país, tornando a ausência do Estado uma realidade gritante, levando a falta de oportunidades de trabalho, dificuldade no acesso à educação e os marginalizando.

Outra questão recorrente é quanto ao tratamento com as famílias que visitam os presidiários, observamos uma violência velada por meio desses agentes para com as pessoas que estão ali para visitar:

Na revista, quando sua mãe entra, a minha filha de 5 anos a minha mãe com 70, a minha irmã, passar humilhação, sem roupa, né? Abaixar em frente de agente que maltratava, humilhava, falava “tá vindo visitar ladrão, tá vindo visitar traficante, seu filho nunca vai mudar, é noia, matou tal pessoa, fez isso, fez aquilo”. Então são coisas que... é que nem uma bomba, vai te deixando pra agir com instinto de crueldade, quando tem uma rebelião, você vai naquele que te maltratou mais porque eles tão na nossa mão, você vai lá e fala “porque que agora você não vem?” Então é aí que age [...]. (ENTREVISTADO 2).

E a questão das rebeliões:

[...] então são coisas que você tem que ouvir e é ali que acontece o que? As rebelião, se unem todos e vira contra os agentes, aí depois disso é tudo penalizado, apanha, humilhação, palavras que você ouve e que você nunca



mais vai esquecer, que você é um lixo, que você roubou, que você vendeu droga, são palavras que na minha vida mesmo eu nunca mais vou esquecer, coisas que você guarda pra você ser humilhado, ser maltratado e você não ter força nenhuma pra reagir, pra brigar, e é em cima disso que acontece a rebelião, as agressões em agentes, coisas que você sente e você guarda, uma hora que você puder descontar ou reagir, é o instinto do ser humano, você vai reagir [...]. (ENTREVISTADO 2).

Verificamos que a questão das rebeliões e violência contra agentes ocorre também devido ao tratamento que eles dão aos presos, em um momento de revolta coletiva, os presidiários podem começar uma rebelião a fim de atingir agentes ou até mesmo motivados pela revolta generalizada contra o sistema penitenciário.

Com isso, confirmamos que o tratamento dentro dos presídios é desumano, além das condições insalubres, a ausência de humanização de quem lida com pessoas nessa situação, pode acarretar a indignação do sujeito, ocasionando no descumprimento do objetivo inicial de uma prisão: reeducar o indivíduo, o que pode gerar também a reincidência no crime.

### **Primeiro Comando da Capital - PCC**

A seguir iremos discorrer quanto à questão do Primeiro Comando da Capital na visão dos egressos selecionados para esta pesquisa.

[...] são pessoas que comandam o presídio porque dentro de onde a gente mora quem manda na cadeia que eu tirei mesmo é o PCC, é o Primeiro Comando da Capital, que cita as ordens, as leis, o que eles falar, é o que você tem que fazer, não adianta bater de frente porque senão você é penalizado lá dentro, tem várias regras, é coisas que uma facção criminosa tem como poder, força, tem força até com agente, com quem seja que tá lá dentro, lá dentro quem manda é o PCC, agora quando sai nas galerias os guardas tomam a frente, mas é coisa que, né? [...]. (ENTREVISTADO 2).

O PCC mostra-se mais forte do que a própria polícia presente nos presídios, além de ser uma das maiores facções do Brasil, ele se mostra organizado dentro e fora das prisões, conforme visto, o comando influencia na vida dos sujeitos enquanto presos, decidindo quanto às questões cotidianas e buscando cada vez mais filiados:

[...] o sistema tá aí pra punir, sabe? Só que na sua forma de agir ele é muito falho, eles me colocaram com chefes de PCC, sabe? Com líderes, então eu poderia facilmente ter me filiado, poderia ter entrado... na verdade o setor de esportes (que ele ficou) é organizado pelo próprio PCC e as pessoas que vão pra esse setor são pessoas provavelmente virariam integrantes do PCC futuramente [...]. (ENTREVISTADO 3).

[...] então você já sai instruído do raio, pelo comando, “ó, se vai falar isso, isso e isso” então você não tem muita força também, não adianta, a não ser quando se unia, tipo, unia um de cada raio, são oito raios no presídio então se unia um de cada e falava, olha vamos falar isso e firmar nessa situação, então tinha força, mas depois de dois dias descia o relatório do diretor e vinha “mas olha, porque você falou isso, porque você falou aquilo?” O diretor perguntava, a assistente social: como que entra droga dentro de um presídio meu? (ENTREVISTADO 2).

Rizzi (2017), discorre quanto a severidade da facção, o grupo possui manuais, leis, e além disso, tem a sua própria definição de “justiça”, pra quem se torna “irmão”, o Estatuto deve ser seguido à risca. Com isso, podemos verificar diversas falhas do Estado, é através do comando que vemos um grande fluxo de tráfico de drogas, sejam elas ilícitas (maconha, cocaína, entre outras) ou lícitas (cigarro), visto que a moeda de troca presente nos presídios pode ser também uma dessas drogas, o preso acaba traficando para conseguir se manter com o mínimo lá dentro:

Ai, todo mundo sabe, ou entra drogas pelo diretor do presídio, ou entra droga por pontes, pontes são o que, mulheres que o comando contrata, paga, pra colocar a droga, então, né? Se você fala isso lá, o próprio comando “porque você falou isso, porque você falou aquilo?” então tem uma opressão muito grande quando você desce do raio, você vai duas, três vezes pro... o que chama lá é “QG” é um quadrado que tem cinco integrantes da facção perguntando ao mesmo tempo, então, são coisas que te deixa preso, asfixiado, então você não pode falar o que acontece, o dia a dia mesmo e é uma pressão muito grande, tanto da polícia quanto da facção que controla o presídio e pra você viver bem você tem que né, acompanhar aquele ritmo [...]. (ENTREVISTADO 2).

Como vimos, o PCC possui intensa influência tanto dentro quanto fora das prisões, o descaso e ausência de políticas públicas voltadas para esse público contribui para uma maximização dessa facção, tendo grande força no sistema prisional no Estado de São Paulo:

[...] então você não pode falar muito também porque o próprio comando determina que quem vai subir pra conversar já tenha, na verdade, eu falei um dia “é, mas então eu vou ter que omitir lá, irmão? Eu vou ter que mentir o que nois passa aqui” ele falou “ô, MA, não é mentir mas se você bater nessa tese, você vai de bonde, você vai pra um presídio ali lá pro Mato Grosso, lá pra onde a sua família não tenha contato” os caras que vem batendo de frente com o comando não tem muita força. (ENTREVISTADO 2).

[...] e junto comigo lá tinha pessoas que nem tinham cometido crime “cara”, eu lembro de um rapaz que ele foi confundido com um ladrão e ele tava lá preso, ele tava voltando do trabalho e as características dele batiam com as características do ladrão e ele tava lá e assim, por ironia do destino eu sai e ele ficou, eu cometi um crime e eu sai de não e ele não cometeu e ficou, então eu não sei como a cabeça dele pode estar hoje, mas na época a chance dele se filiar ao PCC era muito grande, então o sistema é falho nisso, de colocar réu primário com pessoas com a ficha bem longa de crimes [...]. (ENTREVISTADO 3).

O PCC encontra-se ligado diretamente ao tráfico, de onde também obtém seu lucro, sendo uma das principais formas para manter o grupo, sendo crucial também na tomada de decisões e organização da prisão, possuindo também forte influência fora das prisões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou trazer uma discussão crítica acerca da situação dos detentos do sistema penitenciário atual, especialmente no que diz respeito aos fatores decisivos no retorno do convívio do preso à sociedade.

No decorrer da pesquisa, pudemos verificar fatores cruciais quanto à reinclusão a vida cotidiana do egresso, como a vida familiar, trabalho, tratamento na prisão, discriminação social, e PCC. Entendemos que todas essas categorias podem influenciar positiva ou negativamente no objetivo final de retorno a sociedade e o Assistente Social deveria ter papel central nessa reinserção.

No que concerne à vida familiar, percebemos a importância da família na vida do egresso, bem como a necessidade de políticas voltadas para essa população, em principal as famílias, que possuem um forte sofrimento diante dos preconceitos encontrados. Neste cenário, reafirmamos também quanto a necessidade de humanização em todo o sistema carcerário, em principal com os funcionários que estão em contato com essa população fragilizada.

Em relação ao trabalho, afirmamos que mesmo com leis de incentivos em empresas, as vagas oferecidas não são suficientes para o número de egressos no Brasil, com isso, nos encontramos com inúmeros obstáculos, ao se deparar com o desemprego o egresso tenta o trabalho informal ou volta para o crime, tornando-se reincidente.

No tocante da discriminação social, confirmamos a ideia que a discriminação afeta não somente o indivíduo como as pessoas ao seu redor, o egresso ao sair, se deparada com o preconceito, distinção, exclusão do ser, restrição e, portanto, tem uma vivência negativa em relação a reinserção na sociedade.

Na conjuntura do tratamento nas prisões, confirmamos que existe uma forte violência por parte dos agentes penitenciários e que isso pode levar a uma desordem dentro do presídio, ocasionando por vezes em rebeliões, agressões aos agentes, fazendo com que o preso se organize juntamente com facções, contribuindo para o tráfico e aprendendo sobre o crime. Reafirmamos também quanto as condições insalubres dentro dos presídios, que o torna desumano, alinhado a um conjunto de fatores que pode resultar negativamente na vida do sujeito enquanto egresso.

Com isso, reafirmamos a forte influência do Primeiro Comando da Capital em todo o sistema carcerário, que se mantém como uma organizada facção, decisiva na tomada de decisões dentro e fora das prisões, tem um forte impacto no tráfico, sendo essas uma das formas de manter o grupo, observamos também quanto a manipulação

de seus membros, de forma a manter todos em uma mesma linha de raciocínio, mantendo a harmonia e liderança enquanto facção que o PCC possui.

Quanto ao Serviço Social, afirmamos sobre a necessidade de mais profissionais para a garantia dos direitos do sujeito enquanto preso e para o preparo do mesmo enquanto egresso, o usuário por vezes retorna ao convívio em sociedade totalmente despreparado, sem saber o que fazer a seguir e procurando algum amparo que por vezes pode ser encontrado no crime, dessa forma, reafirmamos que a escassez de profissionais nessa área dentro do sistema, influencia negativamente para o funcionamento do mesmo, e para o objetivo de reincluir o sujeito, causando também um despreparo para o retorno ao convívio em sociedade.

Como já esmiuçado anteriormente, há uma série de fatores que, quando bem executadas podem garantir uma autonomia maior do sujeito enquanto egresso. Vimos neste trabalho que a vida pós-prisão começa a ser traçada dependendo do caminho percorrido pelo cidadão ainda dentro da prisão, o modo como é tratada pelos agentes, a forma como é alocada, a cela em que fica, as relações que constrói, ao sair, se encontra despreparado e se depara com uma sociedade que o discrimina pelos antecedentes, vira as costas, fecha as portas, e então a recorrente taxa elevada de desemprego vindo dessa população, a ausência de oportunidades, o sofrimento causado em seus familiares que, por vezes, também são vítimas do preconceito.

Em consonância com as entrevistas, observamos que a ausência do Serviço Social de forma efetiva nesse sistema, acarreta em uma série de direitos violados, dificultando assim a autonomia e emancipação social do sujeito enquanto egresso, uma vez que o despreparo do mesmo afeta não somente a sua vida como a de sua família e suas relações comunitárias.

Desta forma, destacam-se lacunas que podem ser preenchidas através de uma pesquisa aprofundada, acerca do papel do assistente social no preparo do preso para o retorno ao convívio em sociedade, servindo também como base de discussões acadêmicas e em instâncias sociais, bem como de forma acadêmica em geral.

### **Referências**

GUERRA, Yolanda. **A instrumentalidade no trabalho do Assistente Social.**

In: CFESS; ABEPSS; Cead/NED – Unb, 2001. Disponível em:

<http://www.cedeps.com.br/wp-content/uploads/2009/06/Yolanda-Guerra.pdf>.

Acesso em: 23 mai. de 2019.

IAMAMOTO, M. V. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

INFOPEN. **Levantamento nacional de informações penitenciárias**, 2015. Disponível em: <http://dados.gov.br/dataset/infopen-levantamento-nacional-de-informa-coes-penitenciarias1>. Acesso em: 20 mai. 2019.

LEIRAS, Mariana; Brotto, Marcio Eduardo. **Rede socioassistencial para egressos do sistema penitenciário: desafios em sua construção**. Rio de Janeiro, 2015. 123p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LIMA, Jéssica Cristina Pereira de. **A dimensão da prisão e a sociedade para o ex-presidiário: desafios e reprodução da violência**. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017.

MAIA, Ruth Leia de Oliveira. **A inclusão dos egressos advindos do Complexo Penitenciário Campinas/Hortolândia, no mercado de trabalho, na cidade de Hortolândia**, 2008. 81 p. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do Título de Bacharel em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

MIOTO, Regina Célia Tamasso. Família e Serviço Social: contribuições para o debate. **Serviço Social e Sociedade**, n. 55, São Paulo: Cortez, 1997

Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004; **Norma Operacional Básica – NOB/Suas**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – Secretaria Nacional de Assistência Social, 2005.

RIZZI, Rícard Wagner. **Primeiro Comando da Capital facção PCC 1533**. 2017. Disponível em: <https://faccapcc1533primeirocomandodacapital.org/>. Acesso em: 24 mai. 2018.

VALE. Silmara Barbosa do. **Prisão: as expressões da questão social pós-reclusão para o egresso e sua família**. Conclusão de curso, Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2018.